

Universidade e diálogos de saberes: um olhar decolonial sobre o projeto Notórios Saberes¹

Nathalia Pitol²

Maria Ivete Trevisan Fossá³

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo

Este artigo analisa o projeto de extensão Notórios Saberes, da UFSM, a partir da perspectiva decolonial. Parte-se do entendimento de que a universidade latino-americana ainda opera como espaço marcado pela reprodução da hybris do ponto zero e da colonialidade do saber, conceitos desenvolvidos por Santiago Castro-Gómez (2007) no âmbito do pensamento decolonial. O objetivo é compreender como o projeto atua na busca pelo reconhecimento de saberes populares, por meio de diálogos entre Mestres(as) do saber e o ambiente acadêmico. Utiliza-se pesquisa bibliográfica e observação participante, com base em Castro-Gómez (2007), Walsh (2007) e outros autores do campo. Os resultados indicam que o Notórios Saberes atua como uma prática decolonial ao valorizar conhecimentos historicamente invisibilizados e contribuir para a ampliação da diversidade epistêmica.

Palavra-chave: Decolonialidade; Universidade latino-americana; Notórios Saberes; Diversidade epistêmica; Hybris do ponto zero.

Introdução

Ao longo do tempo, as universidades se consolidaram como um espaço de produção e validação do conhecimento, e no contexto da América Latina, foram profundamente marcadas por uma lógica oriunda da colonização ocidental. Essa lógica, apresentada como neutra, objetiva e universal, tende a naturalizar uma forma de saber e invisibilizar outras, especialmente aquelas ligadas à experiência. Santiago Castro-Gómez (2007) chama esse fenômeno de “hybris do ponto zero”, um modelo de pensamento cartesiano que separa o sujeito e o objeto empírico, assumindo-se como centro legítimo da razão e da ciência, e desconsiderando, por exemplo, territórios e tradições não ocidentais. Desse modo, é possível compreender a persistência da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: nathalia.pitol@acad.ufsm.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

³ Professora Doutora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: fossa@terra.com.br.

colonialidade do saber nas universidades latino-americanas, onde epistemologias não hegemônicas seguem subalternizadas.

Castro-Gómez (2007) e outros autores decoloniais, como Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2005) e Boaventura de Sousa Santos (2010) propõem um movimento para decolonizar o saber, ou seja, reconhecer e valorizar epistemologias outras, plurais, situadas, ligadas a experiências de vida e historicamente marginalizadas, ignoradas e subalternizadas. O desafio está em superar o modelo de pensamento marcado pela *hybris* do ponto zero, majoritariamente estruturado a partir de paradigmas epistêmicos eurocêntricos, por meio da construção de uma ecologia de saberes (Santos, 2010). Este novo paradigma, de natureza latino-americana, se propõe ao diálogo entre formas diversas de conhecimento, na integração de saberes indígenas, afrodescendentes e populares, no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, e na promoção de uma universidade que reconheça sua pluralidade epistêmica e que se comprometa com a justiça cognitiva.

A crítica à *hybris* do ponto zero e à colonialidade do saber, feita por Castro-Gómez (2007), convida a repensar a universidade latino-americana não apenas como instituição formadora de conhecimento, mas como um espaço de disputa epistêmica. No campo da Comunicação, esse movimento implica o reconhecimento de saberes e práticas historicamente marginalizadas, bem como a construção de novas formas de produzir e disseminar conhecimento, mais alinhadas com os princípios da pluralidade, da justiça e da decolonização. A virada decolonial, portanto, não é apenas teórica, mas política, ética e pedagógica. Ela exige o rompimento com o conforto do cânone e a abertura para escutar e aprender com saberes historicamente silenciados, mas que seguem vivos e resistentes.

Diante desse cenário, iniciativas como o projeto de extensão Notórios Saberes, associado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Santa Maria (NEABI/UFSM), se estruturam a partir do objetivo de promover o reconhecimento institucional e a valorização de saberes e fazeres tradicionais e populares, representados por Mestres e Mestras do saber, historicamente subalternizados pelas lógicas epistêmicas dominantes. Nesse movimento, ao aproximar Mestres(as) do saber ao ambiente universitário, o projeto transita pelas fronteiras entre o

conhecimento científico e saberes oriundos da experiência, do território e da ancestralidade, buscando promover espaços de diálogo entre diferentes formas do saber, desenvolvendo o que Catherine Walsh (2007) conceitua como “interculturalidade”.

Nesse sentido, este artigo propõe analisar o projeto de extensão Notórios Saberes à luz da perspectiva decolonial. A produção audiovisual desenvolvida no âmbito do projeto será abordada como uma ferramenta de registro da memória e resistência simbólica. Parte-se do pressuposto de que o projeto representa uma prática decolonial ao buscar o reconhecimento da diferença colonial, bem como a valorização de sujeitos e conhecimentos historicamente invisibilizados. Dessa forma, o referencial teórico se apoia nas reflexões de Castro-Gómez (2007), com os conceitos de colonialidade do saber e hybris do ponto zero, de Walsh (2007), com a noção de interculturalidade, e de Assmann (2011), com a definição de mídia de memória.

Metodologia

Este artigo parte da articulação entre teoria decolonial e prática extensionista para analisar o projeto Notórios Saberes, desenvolvido na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Compreende-se que a universidade latino-americana ainda opera sob uma lógica epistêmica marcada pela reprodução da hybris do ponto zero e da colonialidade do saber (Castro-Gómez, 2007), o que contribui para a invisibilização de saberes não ocidentais. O objetivo do trabalho é investigar como o projeto atua na busca pelo reconhecimento e valorização de saberes tradicionais e populares, e na construção de diálogos entre Mestres(as) do saber e o ambiente acadêmico.

Como processos metodológicos, foram utilizadas duas abordagens principais: a pesquisa bibliográfica e a observação participante. A pesquisa bibliográfica foi adotada com fins dissertativos, permitindo o aprofundamento teórico sobre conceitos relacionados à decolonialidade, com base nos trabalhos de Santiago Castro-Gómez (2007), Catherine Walsh (2007) e outros autores do campo. Já a pesquisa observação participante foi desenvolvida a partir do envolvimento da autora como integrante da equipe de comunicação do projeto, atuando no processo de captações audiovisuais com Mestres e Mestras de saberes. Essa vivência contribuiu para a construção de um olhar

analítico sobre as ações de reconhecimento e valorização dos saberes indígenas, ancestrais e populares, especialmente em sua articulação com o ambiente acadêmico.

Fundamentação teórica

Para compreender o conceito que Castro-Gómez (2007) denomina “hybris do ponto zero”, é necessário voltar ao modo como as ciências começaram a se estruturar. Segundo o autor (2007), esse paradigma epistêmico, que ainda é hegemônico nas universidades latino-americanas, começa a se formar entre 1492 e 1700, período em que a expansão colonial da Europa e a formação do sistema-mundo capitalista transformaram as formas de entender o mundo. Se antes de 1492 predominava uma visão orgânica, em que natureza, ser humano e conhecimento estavam inter-relacionados, após esse período essa visão passa a ser subalternizada. Em seu lugar, se impôs uma lógica que separa o sujeito e objeto, humano e natureza. Ao invés de compreender as conexões entre os fenômenos, a ciência moderna passa a operar como um instrumento de controle racional sobre o mundo, que fragmenta a realidade com o objetivo de dominá-la (Castro-Gómez, 2007).

Nesse contexto, consolidou-se uma forma de produzir conhecimento que se apresenta como observadora, sem vínculo ao objeto que observa, neutra e universal. Conforme Castro-Gómez (2007, p. 83) “la ciencia moderna occidental se sitúa fuera del mundo (en el punto cero) para observar al mundo”, ou seja, é essa pretensão de falar “do ponto zero”, “de lugar nenhum”, que caracteriza a hybris do ponto zero: uma arrogância epistêmica que desconsidera a experiência, a condição histórica e cultural do sujeito do conhecimento, e atribui ao saber ocidental o “conhecimento legítimo”. Com isso, diferentes modos de saber são considerados inferiores ou inválidos, como os saberes indígenas, populares, e ancestrais.

Essa estrutura de pensamento está diretamente relacionada à “colonialidade do saber”, conceito desenvolvido por autores como Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2005) e Castro-Gómez (2007), que refere-se à persistência de estruturas coloniais no campo do conhecimento, mesmo após o fim do colonialismo político. Embora os países latino-americanos tenham conquistado sua independência formal, as formas de produzir, validar e ensinar o conhecimento permanecem subordinadas à

lógica eurocêntrica. A universidade latino-americana, nesse contexto, reproduz o modelo europeu de ciência, linguagem, epistemologia e currículo. Saberes indígenas, afrodescendentes e populares seguem frequentemente desqualificados, invisibilizados ou tratados apenas como objeto de estudo, dificilmente como fonte legítima de conhecimento.

Lander apud Castro-Gómez (2007) se refere a esse fenômeno como “heranças coloniais do conhecimento”, que segundo o autor, são reproduzidas pelas universidades modernas, naturalizando uma estrutura hierárquica entre conhecimento acadêmico ocidental e outros modos de saber. Desse modo, ao hierarquizar as formas de conhecimento, a colonialidade do saber posiciona o modelo científico “moderno” no topo, e relega os demais a uma condição de inferioridade, exotismo ou irrelevância.

Em resposta a esse cenário, Castro-Gómez (2007) aponta que o diálogo dos saberes só seria possível por meio da decolonização do conhecimento e das instituições responsáveis pela sua produção e gestão. Assim, apresenta o conceito de “universidade transcultural”, um modelo que reconhece a existência de múltiplos saberes, e propõe um pensamento integrativo, com diálogo entre o conhecimento ocidental e as formas de conhecimento que foram excluídos das epistemes modernas por serem consideradas “pré-rationais”, “orgânicas” ou “míticas”, associadas a populações que foram submetidas ao domínio colonial europeu.

Essa proposta se relaciona com a noção de “interculturalidade” desenvolvida por Catherine Walsh (2007). De acordo com a autora, o conceito está inter-relacionado a subalternização propagada pela diferença colonial, e se fundamenta na resistência e no diálogo horizontal de múltiplos saberes. Walsh (2007) ressalta que a interculturalidade não deve ser entendida apenas como uma política de inclusão, mas como um pensamento que reconhece a diferença colonial, questiona as estruturas epistêmicas ocidentais do saber, e constrói paradigmas “outros”.

Os conceitos apresentados ao longo deste capítulo contribuem para pensar as universidades, especialmente as latino-americanas, a partir da perspectiva decolonial, e portanto, reconhecer que as instituições não operam de forma neutra, mas partem de uma estrutura histórica que hierarquiza saberes. Nesse sentido, ações como o projeto Notórios Saberes, ao propor o diálogo entre conhecimentos historicamente

invisibilizados e o ambiente acadêmico, atuam como práticas que tensionam a colonialidade do saber, buscando promover o reconhecimento e valorização da diversidade epistêmica.

O projeto Notórios Saberes como prática decolonial

O Notórios Saberes, projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Santa Maria (NEABI/UFSM), se funda a partir do objetivo de promover o reconhecimento institucional aos Mestres e Mestras de saberes e fazeres tradicionais. No contexto da cultura popular brasileira, os Mestres(as) são pessoas comumente reconhecidas pela sua experiência e conhecimento em práticas ancestrais. Segundo o Portal de Projetos da UFSM (s.d., n.p.), a fim de construir e instituir uma proposta de reconhecimento de Notórios Saberes aos Mestres(as) de saberes, o projeto se aproxima das políticas públicas culturais, educacionais e de extensão, propondo “conjugar referências tradicionais e científicas, derivando em outras epistemologias capazes de imprimir uma transculturalidade e interdisciplinaridade, auferindo um maior impacto e inclusão social no ensino superior”.

Com base nos conceitos de colonialidade do saber e *hybris* do ponto zero, levantados por Castro-Gómez (2007), é possível compreender que o projeto se insere no campo das práticas decoloniais ao reconhecer que outras formas de conhecimento possuem legitimidade. Ao conjugar referências tradicionais e científicas, observa-se a intenção de criar espaços de diálogo horizontal entre diferentes formas de saber, aproximando universidade e sociedade, com trocas que reconhecem as epistemologias que emergem da experiência, dos detentores de saberes tradicionais, populares e culturais. Nesse sentido, aproxima-se do modelo de universidade transcultural, proposto por Castro-Gómez (2007), ao promover o encontro de saberes diversos sem uma hierarquização.

Conforme apresentado na justificativa do projeto, disponível no Portal de Projetos da UFSM (s.d., n.p.) as ações de reconhecimento contribuem para a criação de outras formas de colaboração e ensino, “possibilitando a construção de novas epistemes de saberes, reverberando em experiências de formação multidisciplinares, caracterizada pelas trocas de conhecimento, tendo um olhar mais humanístico entre o campo do saber

tradicional e o campo do saber científico”. Desse modo, a atuação do projeto também se alinha a noção de interculturalidade, proposta por Catherine Walsh (2007), propondo o reconhecimento de saberes “outros” como fundamentais para a construção de novos paradigmas epistêmicos.

Dentre as ações desenvolvidas no âmbito do projeto, destaca-se uma iniciativa no campo da comunicação, a produção de materiais audiovisuais com Mestres e Mestras de diferentes áreas do saber, como a capoeira, os conhecimentos sobre plantas medicinais (fitoterápicos), a arquitetura indígena, a música, entre outros. Os vídeos, ainda em fase de gravação, têm como objetivo não apenas registrar os saberes compartilhados pelos Mestres(as) e entender sua atuação na comunidade, mas também compreender suas percepções sobre as possibilidades e desafios de integrar esses conhecimentos ao ambiente acadêmico. Em muitos depoimentos, os próprios Mestres(as) apontam os obstáculos históricos e institucionais para esse reconhecimento. Ainda assim, reconhecem a importância da troca de saberes, e se sentem capazes de compartilhar seus conhecimentos, mesmo sem possuírem títulos como graduação, mestrado ou doutorado.

Nesse contexto, ganha destaque a fala de Dona Maria, Mestre de ervas medicinais, que estudou formalmente até a segunda série do ensino fundamental. A narrativa da Dona Maria se reveste de empoderamento e autoridade quando ela afirma que o conhecimento adquirido ao longo dos anos lhe permite “falar em qualquer lugar”, e complementa:

Mesmo que a gente não fale as coisas declaradas, que nem os meus netos e meus filhos me dizem: ‘não, mãe, não é assim, fala assim’. Eu falo do meu jeito... que eu aprendi assim, e daí eles me entendem também. E eu acho que nós temos capacidade de chegar em qualquer repartição e dizer, olha, é assim porque eu estudei também. Não estudei lá na classe da escola, mas no livro da vida. (informação verbal)⁴.

Esse relato ilustra o objetivo do projeto Notórios Saberes ao buscar o reconhecimento de saberes que não passaram pela lógica acadêmica formal, mas que carregam consigo territorialidades e experiências vividas, passadas historicamente a partir da ancestralidade. Os registros audiovisuais, nesse sentido, atuam como mídias de

⁴ Registro de entrevista com Maria Almeida para o Projeto de Extensão Notórios Saberes. Jóia/RS, maio de 2025.

memória (Assmann, 2011), contribuindo para o armazenamento, preservação e transmissão de memórias ao longo do tempo. Além disso, constituem ferramentas de resistência simbólica diante da hegemonia do discurso acadêmico. Desse modo, ao reconhecer e valorizar esses saberes, o projeto Notórios Saberes colabora para a construção de uma universidade mais aberta à diversidade epistêmica.

Considerações

As discussões desenvolvidas ao longo deste artigo demonstram como universidades, especialmente as latino-americanas, ainda atuam, em grande medida, a partir de uma lógica epistêmica marcada pela hybris do ponto zero e pela colonialidade do saber, conforme proposto por Castro-Gómez (2007). Essa lógica, afirmada historicamente, tende a naturalizar a hierarquização de saberes, atribuindo ao saber ocidental o “conhecimento legítimo” e inferiorizando outros modos de conhecer, como os provenientes da experiência, da ancestralidade e do território.

Nesse cenário, iniciativas como o projeto de extensão Notórios Saberes questionam essa estrutura ao buscar o reconhecimento institucional e valorização de outras formas de saber, promovendo o diálogo entre conhecimentos historicamente subalternizados e o ambiente acadêmico. Conforme evidenciado no Portal de Projetos da UFSM (s.d., n.p.), ao propor “potencializar a diversidade epistêmica pela inclusão de diferentes expressões culturais e inserção de Mestres e Mestras no ensino formal”, o projeto não trata apenas de incluir novas vozes na universidade, mas de reconhecer a potencialidade de epistemologia cunhadas por experiências encarnadas.

É importante mencionar que, até o momento, a produção audiovisual desenvolvida no âmbito do projeto não tem como foco central uma abordagem explicitamente decolonial, seu principal fim é o registro de memória de Mestres e Mestras, apresentando a importância do saber em questão, as trajetórias e impactos sociais no território e na comunidade em que estão inseridos. Esses materiais tem como objetivo servir como suporte para as ações que buscam o reconhecimento institucional dos Notórios Saberes. Acredita-se que, a partir desse processo de reconhecimento, ainda que de forma gradual, seja possível ampliar a pluralidade cultural na universidade, e contribuir para uma formação mais aberta à diversidade epistêmica.

O caso apresentado também permite refletir sobre os desafios mais amplos da construção de uma prática comunicacional decolonial. No plano epistemológico, essa proposta implica a construção de uma ecologia de saberes (Santos, 2010), que reconheça a validade de múltiplas formas de conhecimento oriundas de distintas matrizes culturais, ontológicas e territoriais. No plano curricular, demanda a ampliação dos referenciais teóricos, com a inclusão de autores latino-americanos, indígenas, afrodescendentes e do Sul Global, bem como a adoção de metodologias participativas, dialógicas e sensíveis ao contexto. E, no plano profissional, trata-se de repensar o papel social da comunicação, aproximando-a das lutas por justiça cognitiva, equidade e democracia comunicacional.

Ainda que o projeto Notórios Saberes não adote formalmente uma linguagem audiovisual decolonial, é possível identificar um esforço para construir registros pautados pela escuta, pelo respeito às narrativas dos Mestres(as) e pela valorização de suas trajetórias, para que possam expressar sua própria visão de mundo. Ao priorizar os sujeitos e suas falas, ao invés de representar suas práticas por meio de estéticas padronizadas, o projeto evita, ainda que intuitivamente, lógicas da espetacularização da cultura que historicamente marcaram os registros de saberes populares e tradicionais.

A interação com Mestres e Mestras durante o processo de produção audiovisual, aliada ao conhecimento acerca da perspectiva decolonial, permite evidenciar que o conhecimento não é neutro, abstrato ou universal, mas situado, enraizado em relações sociais, contextos culturais e históricos específicos. Nesse sentido, outras experiências comunicacionais, como rádios comunitárias, mídias alternativas, projetos de educomunicação e coletivos de comunicação indígena ou periférica, embora não sejam abordadas neste estudo, exemplificam práticas que também desafiam a hegemonia midiática e epistemológica, centrada no eurocentrismo, de valor universal. A lógica epistêmica dominante, ao sustentar que seu saber é universal, válido em qualquer tempo e lugar, deixa de considerar que todo conhecimento é situado e, portanto, é inerentemente limitado e parcial.

Por fim, vale destacar que ao longo deste texto utilizou-se o termo “colonizado” e seus derivados por se tratar de uma forma recorrente nos estudos da perspectiva decolonial. No entanto, essa não é uma designação considerada adequada pela autora,

uma vez que os territórios assim nomeados já eram habitados por povos com culturas, línguas, e formas próprias de organização social. A expressão, nesse sentido, traz consigo a marca de uma imposição ocidental que historicamente invisibilizou outras culturas.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes**. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

MIGNOLO, Walter. **A ideia de América Latina**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

Portal de Projetos UFSM. **NOTÓRIOS SABERES: Reconhecimento institucional e valorização dos saberes e fazeres PARA OS (AS) MESTRES (AS) DE SABERES TRADICIONAIS**. 2025. Disponível em <<https://portal.ufsm.br/projetos/publico/projetos/view.html?idProjeto=73162>>. Acesso em Junho de 2025.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: Lander, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2010.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial**. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.